



TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: FRONTEIRAS EM JOGO
(TRANSLATION AND ADAPTATION: BOUNDARIES AT STAKE)

Cristina Carneiro RODRIGUES (UNESP – São José do Rio Preto)
Lauro Maia AMORIM (G - UNESP – São José do Rio Preto)

ABSTRACT: *This paper discusses the subject of the boundaries between translation and adaptation, emphasizing both their points of contact and the complexity of establishing a clear-cut delimitation between the two. It's based on the analysis of Leite's and Machado's translations of Lewis Carroll's Alice in Wonderland and Sevcenko's and Giacomo's adaptations.*

KEYWORDS: *translation; adaptation; Carroll.*

Ao se analisar a história da tradução, verifica-se que as abordagens teóricas foram muito diferentes ao longo do tempo, o que foi aceito como tradução, ou como boa tradução, variou de período a período assim como o papel e a função da tradução e do tradutor. A *imitatio*, imitação, ou adaptação, ou versão, também desempenhou diferentes papéis, dependendo da época e da cultura. De prática prestigiada até o século XVIII passa, a partir do século XIX, a ser questionada. A abordagem dominante nos estudos de tradução no século XX até o final dos anos 70, ao considerar como tradução apenas o material que apresentasse correspondência um a um entre texto de partida e tradução, marginaliza a adaptação. Traçam-se limites, supostamente definitivos e universais, não só entre os dois processos, como também entre fonte e alvo, palavra e sentido, fiel e criativo, literal e livre, forma e conteúdo, compreensão e interpretação.

Os estudos de tradução desenvolvidos nos últimos vinte anos têm questionado essas polarizações, assim como a concepção de que a tradução é uma imagem especular do original ou sua reprodução em outra língua. Salientam-se o aspecto transformacional da tradução e a interferência promovida pelo tradutor. Nesse sentido, haveria uma aproximação entre a tradução e o que tradicionalmente se chama de adaptação, pois ambos os processos envolvem algum tipo de intervenção lingüística, cultural e social. A análise das concepções acerca da distinção entre tradução e adaptação propostas por diferentes teóricos aponta, entretanto, para tentativas de sistematização que se fundamentam em dicotomias como “proximidade” vs. “distanciamento” ou “fidelidade” vs. “criatividade”. Johnson (1984), por exemplo, caracteriza a tradução como um processo mais “fiel” ao texto original e menos “criativo” que a adaptação. No entanto, é praticamente impossível estimar qual seria o grau de maior ou menor “criatividade” ou “fidelidade” que levaria a classificar um texto como adaptação ou tradução, na medida em que o próprio conceito de fidelidade é variável. Prasad (1990) afirma que a adaptação seria um processo inerente à tradução que teria duas faces, uma de aproximação em relação ao significado do texto original, outra de acréscimo de um



novo significado. A noção de “aproximação” pressupõe a manutenção de um certo nível de invariância e baseia-se na concepção de que um significado poderia se manter o “mesmo” independentemente da leitura. Enquanto para Prasad (1990), a adaptação poderia ser uma forma de “aproximação” do texto original, para Johnson (1984) as adaptações seriam menos precisas que as traduções, ou menos fiéis ao texto original, o que indicaria uma forma de “distanciamento” em relação ao texto de partida. São dois pontos de vista opostos, sugerindo que as diferentes abordagens baseiam-se em perspectivas de leitura, não em características que seriam inerentes aos dois processos.

Alguns exemplos da obra de Lewis Carroll, *Alice in Wonderland*, e dos textos publicados como traduções e adaptações levam a problematizar esses enfoques e a refletir sobre os limites tradicionalmente estabelecidos entre os dois processos. O fragmento do capítulo IX, intitulado “*The Mock Turtle’s Story*” é comparado com a tradução de S. Uchoa Leite, “A história da falsa tartaruga” e também com a adaptação de Maria T. C. de Giácomo, “A tartaruga fingida”. No diálogo, a Falsa Tartaruga conta a Alice como era sua vida nos tempos em que ainda vivia no mar. Conta como era sua “escola marinha” num divertido jogo de palavras em que “Mystery” (“mistério”) dialogaria com “History” (“história”), “Seography” (“marografia”) com “Geography” (“geografia”), “Drawling” (“fala arrastada”) faria menção a “Drawing” (“desenho”), “Stretching” (“alongamento”) seria uma brincadeira com “Sketching” (“esboço”), e “Fainting in Coils” (“desmaio em espiral”) faria alusão a “Painting in Oil” (“pintura a óleo”):¹

Carroll

“What else had you to learn?”

“Well, there was Mystery”, the Mock Turtle replied, counting off the subjects on his flappers – “Mystery, ancient and modern, with Seography: then Drawling - the Drawling master was an old conger-eel, that used to come once a week: he taught us Drawling, Stretching and Fainting in Coils”. (1987:68)

Leite

– Que mais se ensinava na escola?

– Bem, tínhamos os Estudos Históricos – respondeu a Falsa Tartaruga, contando as matérias na pata – isto é, os fatos históricos antigos e modernos, e também Marografia; e ainda Desgrenhar: o mestre desgrenhista era um velho congro que vinha uma vez por semana e nos ensinava a Desgrenhar e Espichar em Taramela. (1980:109)

Giácomo

– Que mais você aprendia na escola?

¹ Em nossas traduções, buscamos atender ao contexto em que inscrevemos os exemplos; não são, portanto, universalmente válidas, atendem a uma circunstância de apresentação para o leitor brasileiro.



– Bem, havia o Mistério, replicou a Tartaruga Fingida, contando as matérias pelos dedos: mistério antigo e moderno; havia a Marografia; depois tínhamos Desenhação. O mestre desenhador era um velho congro de pesca, que dava aula uma vez por semana. Ensinava-nos Desenhação, Alargamento e Desmaiação Espiralada. (1977:106)

Leite opta por “Desgrenhar” que aludiria à palavra “desenhar”, além de empregar o termo “Estudos Históricos” como tradução de “Mystery”. Leite traduz (ou adapta?) os termos “Fainting in Coils” e “Stretching” pela expressão “espichar em taramela” que, a princípio, não faria alusão a alguma palavra ou expressão que pudesse ser facilmente reconhecida. Podemos perceber que Leite selecionou determinados vocábulos que seriam menos compreensíveis para uma criança. Essas opções parecem estar de acordo com o que defende no prefácio à sua tradução, a respeito das obras de Lewis Carroll: “são cada vez mais leitura para adultos” (p.7).

Giácomo, por sua vez, “recria” algumas palavras, como numa espécie de brincadeira em que são ditas de maneira diferente do comum, como “Desmaiação” e “Desenhação”.

Mesmo se aceitarmos o posicionamento tradicional, em torno do qual se propõe uma distinção generalizada entre tradução e adaptação com base na noção de maior ou menor “proximidade” em relação ao original, as comparações desenvolvidas não nos levariam a um caminho seguro para a confirmação dessa distinção. Suponhamos que o texto original levasse uma criança inglesa a associar os termos criados a disciplinas ou atividades escolares (como “Fainting in Coils” remetendo a “Painting in Oil”) “facilmente” reconhecíveis na época vitoriana – o que, na realidade, seria apenas uma hipótese. Embora esta relação possibilitada por estes termos não ocorra no texto de Giácomo, a adaptadora (ou tradutora?) cria “novas atividades” que a criança brasileira poderia compreender, ainda que “diferentes” das que comumente seriam realizadas nas escolas brasileiras.

Ambas as opções estão comprometidas com um determinado público. As opções lexicais de Leite, como “Espichar em Taramela”, “Estudos Históricos” e “Desgrenhar” tenderiam a ser menos compreensíveis para um público infantil. Entretanto, a distinção tradicional que se faz entre tradução e adaptação, a partir de uma generalização em torno do “requisito” de maior ou menor “proximidade” com relação ao original, torna-se extremamente problemática. A tradução de Leite, assim como as demais traduções da obra de Lewis Carroll, promovem um determinado direcionamento que, inevitavelmente, transforma o texto original para além da dicotomia “proximidade” vs. “distanciamento” como elementos objetivos e independentes de uma leitura.

O trecho a seguir foi retirado do capítulo X, “*The Lobster Quadrille*”, em que Alice, o Grifo e a Falsa Tartaruga trocam experiências relativas aos seus respectivos mundos. Alice pergunta a seus companheiros de que são feitos as botas e os sapatos no mar. Esse diálogo é reproduzido abaixo, tendo agora, ao lado da tradução de Leite, um fragmento da adaptação de Sevcenko:

Carroll



‘And what are they made of?’ Alice asked in a tone of great curiosity.
‘Soles and eels, of course.’ The Gryphon replied rather impatiently: ‘any shrimp could have told you that.’ (1987:72)

Leite

– E de que é que são feitos os calçados no mar? – indagou Alice com grande curiosidade.
– De conchas, é claro – replicou o Grifo com grande impaciência. – Qualquer peixote poderia lhe dizer isso. (1980:115)

Sevcenko

– E do que eles são feitos? – perguntou Alice cheia de curiosidade.
– De três peixes: corvina, solha e os cordões de enguia – respondeu o Grifo, meio impaciente. – Qualquer peixinho sabe disso. (1995:100)

Ao analisarmos estes trechos, como poderíamos classificar a opção de Leite? Ao traduzir “Soles and eels” por “conchas”, ele estaria fazendo uso de omissão, tanto de “soles” como de “eels”, ou adaptando (ou traduzindo?) as duas palavras por “concha”? “Sole” tanto pode significar “sola” como também “linguado”, designação comum a várias espécies de peixes teleósteos e “eel”, que dialogaria com “heel” (“salto de sapato”), significaria “enguia”.

Sevcenko, ao empregar “corvina, solha e os cordões de enguia” como opção interpretativa para “soles and eels”, estaria realizando uma tradução ou uma adaptação? Estas questões são recorrentes pois, novamente, remetem-nos à própria dificuldade de se estabelecer uma fronteira objetivamente demarcável entre tradução e adaptação.

Analisaremos abaixo um fragmento da tradução de Machado, referente ao capítulo III, “*A Caucus Race and a Long Tale*”. Nessa passagem, o personagem Rato, impaciente com Alice, decide partir, não terminando de contar sua história para o grupo que o ouvia, o que acaba por provocar o diálogo entre a Carangueja e sua filha:

Carroll

‘What a pity it wouldn’t stay!’ sighed the Lory, as soon as it was quite out of sight; and an old Crab took the opportunity of saying to her daughter, ‘Ah, my dear! Let this be a lesson to you never to lose your temper!’ ‘Hold your tongue, Ma!’, said the young Crab, a little snappishly. ‘You’re enough to try the patience of an oyster.’ (1987:19)

Machado

– Que pena que ele não quis ficar... – suspirou o Periquito, assim que ele sumiu.

E uma carangueja velha aproveitou a oportunidade para dar conselhos à filha:

– Viu só, querida? Que isso sirva de lição, para você nunca perder a calma, e não falar demais. Como eu sempre digo: boca de siri.



– Ah, cale a boca, mãe! – respondeu a Caranguejinha, atrevida. – Você é que fala por todos esses cotovelos, dessas patas todas... (1997:37)

Se nos basearmos na noção de “proximidade” como um critério para determinarmos os limites entre tradução e adaptação, sem considerar que diferentes possibilidades interpretativas podem estar em jogo, a tradução de Machado teria se “distanciado” do original, uma vez que teria “acrescentado”, na fala das personagens, proposições como “boca de siri” e “falar por todos esses cotovelos, dessas patas todas”.

A tradutora cria uma brincadeira com a expressão “boca de siri” que, no contexto, pode significar “ficar de boca fechada”, ao mesmo tempo que faz uma referência irônica ao caranguejo, ao utilizar a palavra “siri”. O enunciado “Você é que fala por todos esses cotovelos” também pode ser interpretado como uma brincadeira com a própria figura do caranguejo. Nesse sentido, encontramos certas barreiras para classificar essas opções. A tradutora teria omitido a proposição “You’re enough to try the patience of an oyster”, “substituindo-a” por “Você é que fala por todos esses cotovelos” ou seria uma tradução (ou adaptação?) possível para esta passagem? Caso consideremos essas opções como “acréscimos”, elas seriam indicativas de uma adaptação ou de uma tradução? É problemático distinguir o que seria “acréscimo”, por exemplo, quando comparamos a fala da carangueja-mãe do texto original, “Ah, my dear!”, com a versão de Machado, “Viu só, querida?”. Poderíamos afirmar que ocorreu um “acréscimo” de “Viu só” à palavra “querida” e que esta seria a “manutenção” ou a “transposição” de “my dear”, mas poderíamos também considerar que o enunciado “Viu só, querida?” seria uma “omissão” de “Ah, my dear!”, pois, segundo nossa interpretação, essa tradução permite uma leitura completamente diferente da que fazemos do texto de Carroll. “Ah, my dear!” seria uma interjeição, uma forma carinhosa da carangueja de se dirigir à filha. “Viu só querida?” seria uma forma de repreensão, que se confirma quando a mãe pede à Caranguejinha que “faça” boca de siri, ou seja, que fique calada. Percebe-se que mesmo noções aparentemente bem definidas, como “omissão” ou “acréscimo”, têm limites imprecisos, na medida em que estão comprometidas com a postura interpretativa que se assume.

No espaço da problemática aberta pelas reflexões acerca das fronteiras na relação entre tradução e adaptação, o jogo, em seu sentido de risco e embate, desponta-se como uma questão que não se restringe aos limites supostamente estáveis, ou objetivamente demarcáveis, a que nos conduziriam as dicotomias. Assim, não há uma separação absolutamente clara entre o que seria traduzir e o que seria adaptar. As análises das traduções de Leite e de Machado, por exemplo, possibilitam uma reflexão a respeito dos limites que separariam o “traduzir” do “adaptar” em seus trabalhos. Nesse sentido, essas traduções, tanto quanto a adaptação de Nicolau Sevckenko (em cuja capa encontra-se “adaptação” e na folha de rosto “tradução e adaptação”) ou a adaptação de Maria Tereza de Giácomo, não teriam deixado de promover interferências decisivas em relação à obra original, na medida em que todas promoveram um direcionamento interpretativo, visando, também, públicos-alvo específicos.

A possibilidade de uma separação clara e objetiva entre “fidelidade” e “criatividade”, “proximidade” e “distanciamento”, configura-se como a possibilidade de



uma distinção inequívoca entre sujeito e objeto. As distinções que se propõem entre tradução e adaptação, como as que são apresentadas pelos dois teóricos abordados neste trabalho, baseiam-se em uma concepção de leitura conduzida pela dicotomia sujeito vs. objeto. Essa distinção pressupõe a existência de uma compreensão “literal”, “restrita” ou “mais próxima” da origem, assim como a possibilidade de execução de uma técnica que permita a concretização de uma compreensão “literal” por meio de uma tradução. Neste sentido, a análise desenvolvida neste trabalho apresenta-se não somente como uma reflexão sobre o papel da leitura enquanto algo que torna impossível uma delimitação objetiva entre traduzir e adaptar ou entre uma leitura “literal” contraposta a uma leitura “livre”, mas, também, sobre leituras-traduições-adaptações enquanto práticas que põem em jogo suas próprias fronteiras.

RESUMO: Neste trabalho discute-se a questão das fronteiras entre os processos de adaptação e tradução, salientando a complexidade de sua demarcação, assim como seus pontos de contato, tomando como base análises de traduções de *Alice in Wonderland* de Lewis Carroll, realizadas por Leite, Machado e adaptações de Sevcenko e Giácomo.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; adaptação; Carroll.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CARROLL, L. *Alice's adventures in wonderland*. Harmondsworth: Penguin, 1987.
- _____. *Alice no país das maravilhas*. Adapt. Maria Thereza Cunha de Giácomo. 13 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- _____. *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 3 ed., São Paulo: Summus Editorial, 1980.
- _____. *Aventuras de Alice no país das maravilhas* Adapt. Nicolau Sevcenko. São Paulo: Scipione, 1995.
- _____. *Aventuras de Alice no país das maravilhas* Trad. Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1997.
- JOHNSON, M. A. Translation and adaptation. *Meta*, v.29, n.4, Dec. p.421-5, 1984.
- PRASAD, I. Translation and adaptation: their respective realms. *International Journal of Translation*, v.2, n.1, Jan-June, p.37-45, 1996.